

FRAGMENTO ANTT CX. 13, MÇ. 10, N.º 30 (T2)
E A TRADUÇÃO DA *GENERAL ESTORIA* EM PORTUGAL*

FRAGMENT ANTT CX. 13, MÇ. 10, NO. 30 (T2)
AND A TRANSLATION OF THE GENERAL ESTORIA IN PORTUGAL

MARIANA LEITE
Universidade do Porto
<https://orcid.org/0000-0002-7287-5872>

Resumo: A tradução portuguesa da *General Estoria* de Afonso X, história universal profundamente devedora do texto bíblico, sobrevive apenas em breves fragmentos: um da segunda parte, e dois conjuntos de fragmentos da primeira, os mais recentes dos quais descobertos em 2012 (T2). Após uma breve reflexão sobre a recepção portuguesa de crónicas universais, e da avaliação das traduções portuguesas da *General Estoria*, comparam-se os fragmentos de 2012 com os manuscritos castelhanos correspondentes, permitindo estabelecer uma relação estemática dos fragmentos com o arquétipo castelhano.

Palavras-chave: *General Estoria*; crónicas universais; tradução medieval; fragmentos; tradição manuscrita.

Abstract: The Portuguese translation of Alfonso X's *General Estoria*, a universal chronicle which relies extensively on the Bible, survives only through short fragments: one, pertaining to the second part of the Castilian text, and two sets of fragments from the first part, the most recent discovered in 2012. After briefly reflecting upon the Portuguese reception of universal chronicles, and evaluating the Portuguese translations of the *General Estoria*, the 2012 fragments are compared with their Castilian counterparts, thus allowing to advance with a *stemma codicum* that relates the fragments to the Castilian archetype to be established.

Keywords: *General Estoria*; universal chronicles; medieval translation; fragments; manuscript tradition.

SUMARIO

1. Introdução.– 2. A *General Estória* em Portugal.– 3. Um novo fragmento.– 4. Análise contrastiva de T2.– 5. Breves conclusões.– 6. Bibliografia citada.– 6.1. Fontes primárias.– 6.2. Referências bibliográficas.

* Este trabalho integra-se no âmbito do projecto de Pós-Doutoramento “A Historia Scholastica em Portugal: presenças, transmissão e tradução” (ref. SFRH/BPD/114668/2016), desenvolvido no Instituto de Filosofia - Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564, Porto, Portugal.

Citation / Cómo citar este artículo: Leite, Mariana (2023), *O Fragmento ANTT cx. 13, mç. 10, n.º 30 (T2) e a tradução da General Estoria em Portugal*, “Anuario de Estudios Medievales” 53/1, pp. 89-101. <https://doi.org/10.3989/aem.2023.53.1.05>

Copyright: © 2023 CSIC. Este es un artículo de acceso abierto distribuido bajo los términos de la licencia de uso y distribución Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

1. INTRODUÇÃO

No contexto português medieval, a história da Bíblia associa-se profundamente à transmissão de histórias universais. Na verdade, não encontramos traduções diretas do texto sagrado, mas sim traduções de obras historiográficas onde a matéria bíblica é central. Torna-se por isso quase impossível distinguir os limites do que é uma tradução da Bíblia e o que é uma tradução de histórias universais. Ainda que de forma fragmentária, sobrevivem até à atualidade duas linhas principais de difusão em vulgar do texto bíblico: Por um lado, encontramos a tradução e adaptação da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor; por outro, temos a *General Estoria* (GE) de Afonso X, cuja recepção se articula sob diferentes modos¹.

Sobre a *Historia Scholastica*, é interessante verificar que aquela que foi uma das fontes primordiais da crónica universal alfonsina conhece uma trajetória distinta em Portugal. Como referido, o texto latino –cuja tradução para português, presume-se, poderá remontar a antes do século XIV², e eventualmente, ter sido integral– é retomada para a elaboração de bíblias historiadas em língua romance, à imagem do que ocorre, por exemplo, com a *Bible Historiale* francesa, na versão de Guyart des Moulins³. Esta iniciativa chega-nos através de testemunhos muito díspares, que revelam também a fortuna do texto em Portugal. Dos testemunhos mais longos, sobrevive a edição oitocentista da chamada *Bíblia de Alcobaca*, manuscrito perdido no século XIX⁴, e a *Bíblia de Lamego*⁵, um manuscrito do século XVI cujas diferenças em relação ao texto alcobacense são tão notáveis que levaram a equacionar-se se o testemunho de Lamego não seria descendente direto de Alcobaca⁶. Além destes dois testemunhos, sobrevivem ainda um conjunto fragmentário dos séculos XV e XVI, inéditos, preservado na Faculdade de Direito de Lisboa⁷, e uma pequena cópia de Alcobaca do século XVIII, preservada em Évora⁸, ambos aparentados com a *Bíblia de Alcobaca*⁹. A tradução da *Historia Scholastica* é elaborada com o exclusivo propósito de

¹ Como nota Nascimento 2010, pp. 34-35, e é amplamente explorado em Leite 2012.

² Nascimento 2010, pp. 30-32.

³ Veja-se Salvador 2013, pp. 313-327 e, mais recentemente, Patterson 2022.

⁴ Manuscrito Alcobaca 349; ver Philobiblon BITAGAP manId 1037.

⁵ Editado e avaliado pela primeira vez por Castro 1998, vol. II, pp. 8-10, 123-131. Veja-se Philobiblon BITAGAP manId 1563.

⁶ Conforme proposto inicialmente em Leite 2010, mas refutado em Leite 2022c.

⁷ Pinto 2009, pp. 478-480. Para detalhes sobre o conjunto de fragmentos de Lisboa, ver Sharrer, Pinto 2022, pp. 523-524. Cada fragmento está elencado em Philobiblon Bitagap manId 4368 (séc. XV); 4369; 4385, 4386; 4387.

⁸ Philobiblon Bitagap manId 3423.

⁹ Leite 2010, p. 187.

apresentar *histórias de abreviado testamento velho*, conforme indicam os testemunhos de Alcoça e Lamego, ou seja, uma versão simplificada, e acessível em língua vulgar, do Antigo Testamento, depurando-se portanto quer alguns dos comentários teológicos de Comestor quer os elementos que saíssem fora da matéria estritamente bíblica. De qualquer forma, esta recepção, a par da *General Estoria (GE)* sobre que nos debruçaremos com mais detalhe adiante, dá conta de um duplo influxo de matéria historiográfica universal em território português durante a Idade Média¹⁰.

2. A *GENERAL ESTÓRIA* EM PORTUGAL

Em relação às formas de recepção da *GE* em Portugal, cabe sublinhar que, de facto, esta se pauta também pela interpretação da obra alfonsina como potencial bíblia romanceada, como se verifica pela preservação do testemunho *R*¹¹, amplamente anotado por um comentador bilingue ainda no século XIV¹². Por outro lado, verificam-se recepções indiretas, transmitidas quer a partir da tradução de textos produzidos no âmbito da redacção da história universal alfonsina, como os *Autos dos Apóstolos* de Bernardo de Brihuega¹³, quer pela citação, raramente explícita, da *GE*¹⁴. A isto acresce a tradução da primeira parte da *GE* e, pelo menos, da primeira metade da segunda. Apesar dos fragmentos sobreextremamente fragmentários, dão conta de uma tradução quer da secção bíblica, quer da secção pagã, o que revela que a obra de Afonso X tanto serviu para suprir o interesse por textos de carácter edificante, de matriz religiosa, como para fornecer matéria clássica.

Ainda que identificada já desde o século XVI na Gramática de Fernão de Oliveira como uma iniciativa de D. João I¹⁵, a tradução da *GE* para português teve que esperar pelo século XX para ser materialmente confirmada. A descoberta de quatro fragmentos pergamináceos, provenientes do mesmo códice, por Avelino Jesus da Costa¹⁶, lançou o início de um investimento maior sobre a apreciação de como a história universal alfonsina foi acolhida em meios portugueses. Contudo, e embora em 1950 Mário Martins tenha identificado e

¹⁰ Sobre isto veja-se Leite 2022b.

¹¹ Manuscrito CXXV-2/3 da Biblioteca Pública de Évora (Philobiblon Beta ManId 1062), avaliado em Leite 2012 e mais profusamente estudado por Rodríguez Porto 2012.

¹² Os comentários aos salmos foram avaliados e editados em Leite 2017.

¹³ Editados e estudados por Cepeda 1982-1989. Vejam-se os estudos mais recentes de Bautista 2015, 2017.

¹⁴ Alvo de análise na quarta parte do estudo da recepção da *GE* em Portugal, em Leite 2012.

¹⁵ Fernão de Oliveira 1536; veja-se a edição dirigida por Franco, Fiolhais 2019, p. 84.

¹⁶ Costa 1949, comentado por Cintra 1951.

procedido à transcrição parcial dos fragmentos da Torre do Tombo –ou *TT*– de forma a confirmar que estes eram efectivamente tradução da *GE*¹⁷, apenas em 2012 se apresentou uma primeira transcrição integral dos fragmentos¹⁸. A este conjunto de fragmentos encontrados na década de 40 do século passado acresce a descoberta mais recente de outro fragmento, este preservado em Castelo Branco –*CB*– nos anos noventa¹⁹. Se o primeiro conjunto de fragmentos a ser descoberto transmitia matéria da primeira parte, este novo testemunho da tradução revelou que a tradução da *GE* em Portugal se estendeu pelo menos até à segunda parte da obra. No entanto, *CB* é ainda mais breve do que os quatro fôlios que compõem *TT* –trata-se de um bifólio, redigido numa letra mais cursiva, possivelmente contemporâneo ou até ligeiramente anterior a *TT*–. Isto leva a que a amostra de texto passível de análise e comparação com os testemunhos castelhanos seja de tal forma reduzida que haja um grande grau de incerteza no estabelecimento de quaisquer relações estemáticas entre os testemunhos da tradução portuguesa e os manuscritos castelhanos. Todavia, e isto foi averiguado desde o primeiro trabalho de Mário Martins, constata-se que a iniciativa portuguesa é completamente independente da tradução galega da primeira parte da *GE*²⁰. Esta tradução galega, transmitida pelo testemunho *F*²¹ da *GE*, ter-se-á servido do rascunho do texto alfonsino utilizado na corte régia²²; pelo contrário, a tradução portuguesa segue uma versão herdeira do manuscrito régio, o testemunho *A*, revelando pois que não é uma cópia da tradução anterior feita para a mesma língua mas num contexto geopolítico distinto. A avaliação mais detalhada de *TT* frente aos testemunhos castelhanos permitiu adiantar a hipótese de existir um estágio intermédio entre *A*²³ e os testemunhos castelhanos seus descendentes –*B* e *D*²⁴– onde terá tido origem a tradução portuguesa. Com

¹⁷ Martins 1950, retomado em Martins 1956. Trata-se do conjunto formado pelos quatro fragmentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixa 21, n.º 29 a 32 (Philobiblon Bitagap ManIds 1495; 1502; 1501; 1500).

¹⁸ Leite 2012, pp. 277-300.

¹⁹ Descoberto por Fevereiro 1991, o fragmento CNCVL/01/Livro 014/Maço 02 do Arquivo Distrital de Castelo Branco (Philobiblon Bitagap ManId 3746) foi transcrito e estudado em 2002, reimpresso por Askins, Sharrer, Dias em 2006.

²⁰ As divergências entre as versões galega e portuguesa foram alvo de estudo em Leite 2017a.

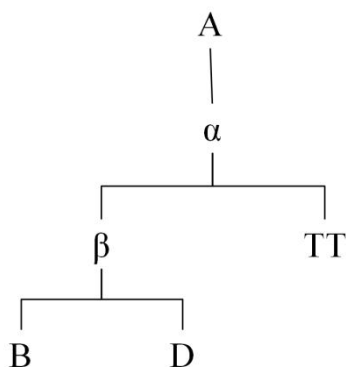
²¹ Ms. O.I.I. da Real Biblioteca de S. Lorenzo del Escorial (Philobiblon Bitagap ManId 1089), editado por Martínez-Lopez em 1963.

²² Catalán 1978, pp. 268-269.

²³ O testemunho saído da corte de Afonso X, manuscrito 816 da Biblioteca Nacional de España (Philobiblon Beta ManId 1055), conhecido por *A*, foi a base das edições da primeira parte da obra apresentadas por Solalinde (Alfonso el Sabio, *General Estoria*, ed. Solalinde) e, mais recentemente, da edição integral coordenada por Sánchez-Prieto Borja (Alfonso el Sabio, *General Estoria*, ed. Sánchez-Prieto Borja).

²⁴ Respetivamente, manuscrito Y-I-6 da Real Biblioteca de S. Lorenzo del Escorial (Philobiblon Beta ManId 1060) e manuscrito 8682 da Biblioteca Nacional de España (Philobiblon Beta

efeito, ao transmitir quer matéria exclusiva do sub-ramo do qual descendem *B* e *D*, afastando-se de *A*, quer elementos exclusivos de *A* presumivelmente ainda não presentes no antígrafo que origina *B* e *D*, *TT* traduz uma versão designada por α . Esta descende diretamente de *A* e dá origem a dois ramos: aquele que nos chega pela tradução portuguesa, α , e o ramo β , que inclui *B* e *D*. Esta avaliação permitiu compreender que a tradução portuguesa não terá sido feita diretamente a partir do testemunho régio alfonsino –ou uma sua cópia direta– mas também não foi copiado a partir de uma das outras cópias castelhanas mais afastadas do arquétipo²⁵, conforme transmite o *stemma* proposto:



3. UM NOVO FRAGMENTO

A descoberta, em 2013, de mais um fragmento da tradução da primeira parte da *GE* no Torre do Tombo²⁶ –*T2*²⁷– levantou novas interrogações sobre as proporções, e a longevidade, do impacto da *GE* em contexto português ao longo do século XV. Trata-se de um conjunto de cinco fólhos –um fólho, entre os fólhos 3 e 4, desapareceu– em papel, numa letra bastante cursiva²⁸.

ManId 1056), ambos descendentes de um antígrafo elaborado a partir de *A*, conforme indicam Fernández-Ordóñez 2002, p. 51; Alfonso el Sabio, *General Estoria*, ed. Sánchez-Prieto Borja, vol. I-1, pp. 119-128.

²⁵ Leite 2012, pp. 165-208.

²⁶ Fragmentos, cx. 13, mç. 10, n.º 30, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

²⁷ A transcrição também deste fragmento foi publicada em Leite 2022a.

²⁸ “The destruction of the fragment was not only caused by natural phenomena – very likely mildew damage and bookworms. Negligence also led to some of the destruction of the fragment: the sides were carelessly cut, removing parts of the text, thus preventing us from confirming the number of lines per page; the first four folios of the set were numbered as 84, 86, 87, and 88 with a ballpoint pen during the 20th century; and there are ANTT stamp marks, some of which cover the handwritten text. Finally, the condition of the fragment makes it hard to read and study. It was

É no entanto possível perceber que terá havido algum cuidado na produção do manuscrito, já que foram deixados espaços em branco para a inclusão de capitais. O mau estado geral do fragmento impede uma leitura fluida do texto; no entanto, com apoio do texto castelhano, a leitura pode ser reconstruída. Este fragmento transmite matéria da primeira parte que não está presente nos fragmentos portugueses anteriormente descobertos, pelo que não foi também possível fazer uma comparação direta.

Ainda que apresentando uma porção contínua de texto mais extensa do que os demais fragmentos *TT*²⁹, *T2* não nos permite grande segurança no estabelecimento das relações estemáticas com os testemunhos castelhanos como foi possível fazer com os outros fragmentos. Em primeiro lugar, porque nos deparamos novamente com as mesmas dificuldades que já foram encontradas aquando do estudo dos fragmentos *TT* e *CB*: a reduzida amostra de texto de que dispomos. É verdade que *T2* apresenta a matéria de cerca de cinco capítulos, um pouco mais do que *CB*, o fragmento mais curto, e praticamente a mesma quantidade de texto que o conjunto dos demais fragmentos *TT*. Para uma obra com as dimensões da *GE*, isto é realmente pouco para que se faça um estudo conclusivo e que permita compreender bem até onde aquilo que interpretamos como variantes não poderão ser eventuais opções de tradução, erros de cópia, ou simplesmente condicionamentos impostos pelo próprio trabalho de transpor o texto de uma língua a outra. Por outro lado, e ainda mais do que com o que ocorre para os fragmentos *TT* e *CB*, em muitos lugares o mau estado de preservação do fragmento impede a leitura –mesmo que conjectural– do texto. Estes danos físicos ao suporte levam a que muitas vezes frases inteiras estejam cortadas, fazendo com que apenas sejam recuperáveis algumas palavras, desligadas da sua estrutura sintática, ou mesmo só partes de palavras, cuja leitura pode ser avançada, ainda que de forma muito precária, através do confronto com o texto castelhano. Assim, *T2* está marcado pelas frases sistematicamente interrompidas, e que implicam um esforço interpretativo maior. Torna-se, por exemplo, necessário avaliar quanto texto é que o espaço correspondente à lacuna pode comportar para, ao comparar com o texto castelhano, perceber se o que falta em *T2* poderia equivaler a uma porção de texto idêntica à da sua fonte, ou se estamos perante um salto ou, eventualmente, uma abreviação. Temos, por isso, um texto ainda mais

recently possible to detect and identify watermarks in the paper, which are an important element for dating the copy: they match watermark (*coroa em círculo*) No. 4690 of the Briquet catalog, found in paper produced at Genoa in 1497, thus confirming interest in the *General Estoria* in Portugal lasted until the 16th century”: Leite 2022a. Veja-se também a descrição em Philobiblon Bitagap ManId 5893, e as implicações da existência deste fragmento em Leite 2017b.

²⁹ Os demais fragmentos são de partes díspares do mesmo códice, não permitindo uma leitura contínua do texto.

instável do que aquele de que partimos para tentar estabelecer as relações entre a tradução portuguesa e as cópias da *GE*. Finalmente, este fragmento de tradução, por ser cronologicamente afastado dos anteriores, coloca ainda outras interrogações sobre aquilo que se poderia ter considerado apenas escolha do tradutor. Estaremos perante um copista que reproduz acriticamente um manuscrito anterior, ou terá havido intervenção no texto, com revisão de algum do léxico e estruturas sintáticas? Quando *T2* se afasta do castelhano, fá-lo porque é assim que está o texto traduzido que lhe serve de fonte, ou será já uma inovação desta cópia? Se este afastamento do texto de partida se verifica, poder-se-á considerar que houve uma segunda tradução da *GE*, uma versão posterior à elaborada no início do século XV?

4. ANÁLISE CONTRASTIVA DE *T2*

As dificuldades em encontrar correspondências entre o texto castelhano e a tradução podem dever-se, em grande medida, à própria natureza do texto traduzido, já que o processo de transpor de uma língua a outra implica alterações não só lexicais como sintáticas. Contudo, estamos perante uma tradução entre duas línguas extremamente próximas, com muitas estruturas sintáticas semelhantes, e com uma quantidade significativa de palavras que partilham não só a mesma raiz como o mesmo sentido. É assim interessante notar que o tradutor português elege opções que se afastam do tronco comum partilhado entre português e castelhano, conferindo maior distinção ao texto de chegada –mesmo que existam, e sejam registadas no período em questão, ocorrências de termos muito mais próximos do castelhano, igualmente válidos para uma tradução que quisesse ser mais fiel, ou que se quisesse distanciar menos, da língua de partida–. Alguns exemplos deste processo dão-se, por exemplo, com a escolha de *servo* para *vassallo*, *presentes* para *dones* –logo em seguida, encontramos *dõdõs* a traduzir a mesma palavra–, *maneira* para *costumbre*, *sçiençias* para *saberes*, *neçesaryo* para *mester*, ou *coregese* para *guisasse*. Ao mesmo tempo, encontramos perífrases, como *foy este sããd* por *sanó*, *tomaua a por força* por *forçolla*, *nom he honesto nem cousa dada* por *no es cosa guisada*. Verifica-se também a alteração de ordem de palavras irrelevante para o sentido global da frase, como *lebo aqui* por *aqui levo*, *aqui agora* por *agora aqui* ou *pasado todo esto* por *todo esto pasado*. Encontra-se ainda a transposição de uma frase activa para a voz passiva: *Era asemtada toda em quadra* por *assentáronla en cuadra*. Existem também alguns acrescentos, como [*estu*]do de *todallas sçiemçias* por *estudio de los saberes*. Todos estes são fenómenos que podem ser compreendidos juntamente com as opções de tradução e que levam considerar que o tradutor português procura

deliberadamente imprimir um estilo distinto à sua versão, afastando-a do original castelhano sempre que possível. Em alguns dos trechos onde o texto é mais legível, e é possível decifrar frases coerentes, encontram-se saltos do mesmo ao mesmo ou erros de cópia –como *morreo* por *regnó*, *vistes* por *oyestes* ou *Bethel* por *Bethlem*–. No geral, verificam-se alguns dos fenômenos já assinalados nos fragmentos *TT*. Embora a hipótese de *T2* representar uma segunda iniciativa de tradução seja tentadora, sobretudo porque a tradução parece seguir muito de perto *A* –talvez mais até do que os outros fragmentos *TT*–, a verdade é que não há dados suficientes que permitam dizer que estamos perante uma estratégia de tradução realmente distinta da que os fragmentos mais antigos apresentam.

Entre os exemplos mais significativos da proximidade entre *T2*³⁰ e *A*³¹, veja-se o texto no início do fôlio 1v, onde *T2* transmite matéria omissa no antigrafo de *B* e *D*³², provavelmente por salto nestes dois:

T2, f. 1v, l. 2-4: [mo]rreu Beloco Rey de Syrya e reynou empos elle [Baleo] / çinqueoenta e [d]ous aññõs. Este Bale[o] foi o nono rey da[ly]. [An]/dados XVI añños de Josep...

A, I, p. 366: murió Beloco, rey de Assiria, e regnó empós él Baleo cincuenta e dos años, e fue este Baleo el noveno rey dend. Andados diziséis años de Josep.

B, f. 102v, I, 4-7: murio beloco Rey / de asiria y Reyno en pos el ba/leo el noveno Rey dende. Andados / xuj años de Josep.

D, f. 156r, l. 4-7: m/urio beloco Rey de asiria Et Reyno ãn pos el baleo el No/ueno Rey dende andados [x]vj años de Josep.

Encontramos também um exemplo semelhante em que *T2* segue a lição correta –*adiantado* por *adelantado*–, enquanto *B* e *D* transmitem uma lição errada:

T2, f. 1v, l. 11: Deste rey Appis dizem Eus[ebio] e Jheronimo e outros que elle fez adelantado e rey de Ca[ya].

A: D’este rey Apis dicen Eusebio e Jerónimo e otros que fizo adelantado e rey de Acaya.

B, f. 102v, II, 18-20: Deste Rey apis di/ze eusebio y geronimo y otros que / fizo adelante y Rey de Acaya.

D, f. 156r, l. 13-15: deste Re y / appis dize eusebio et jheronjmo et otros que fizo adelante Et / Rey de Acaya.

Poderia ter-se dado o caso de o tradutor ou até o copista de *T2* terem procedido a uma correção; porém, tendo em conta a existência de erros em

³⁰ Utilizamos a transcrição apresentada em Leite 2022a.

³¹ Seguimos aqui a edição de 2009, vol. I, pp. 365-376.

³² Transcrições nossas.

T2 possivelmente provenientes de má cópia ou interpretação do manuscrito a copiar, cremos que este é um exemplo da maior proximidade da tradução portuguesa ao manuscrito régio da *GE*.

Finalmente, damos conta de traduções como *diseram* –em *A* *diseram* mas *dezian* em *B* e *D*–, ou *villa* –correspondente a *villa* em *A* e a *cibdad* em *B* e *D*–, que mostram como T2 segue em alguns pontos as lições de *A* por oposição ao ramo β .

Ainda que na maioria dos casos levantados T2 esteja mais próximo de *A* do que do ramo β , estamos em crer que não será arriscado adiantar a hipótese de que também este testemunho transmite o estado α , tal como os anteriores fragmentos portugueses. De facto, também *TT*, ainda que transmitindo α , coincide mais vezes com *A* do que com β ; são, todavia, estas coincidências que levaram à colocação da hipótese de existir um ramo intermédio entre *A* e a família de manuscritos *B* e *D*. Ao mesmo tempo, é interessante verificar que, mesmo que não haja uma coincidência total com β , em algumas ocorrências T2 aproxima-se de *B*, partilhando, por exemplo, tempos verbais e o número singular ou plural para certos nomes e adjetivos. Ocorrem também alguns casos em que a estrutura sintática de T2 e *B* se aproximam, afastando-se de *A*; não temos, contudo, nenhuma coincidência perfeita. Assinalam-se assim alguns *loci critici* em comum com *B* e *D* opostos a *A*. A existência destas ocorrências –ainda que sendo, como veremos, contestáveis– já nos permite propor que, tal como para *TT*, o antígrafo de T2 se situe entre *A* e o estado redaccional que antecede *B* e *D*. Isto vai ao encontro do novo *stemma codicum* da primeira metade da primeira parte da *GE* proposto em 2012, onde se dá conta destas especificidades presentes na tradução portuguesa.

Os exemplos mais evidentes da aproximação de T2 a *B* e *D* surgem na coincidência de modos, tempos e pessoas verbais. Neste caso, T2 faz a pessoa acordar com a forma verbal:

T2, f. 2v, l. 9-10: destas min[has] / companhas que venham contigo.

B, f. 103r, I, l. 34-35: desta mj cõpañã que bengã cõ/tigo.

D: f. 157r, l. 10: desta mj cõpañã que bengã cõtigo.

A, I, p. 368: d'esta mi compaña que venga contigo.

Ou:

T2, f. 3r, l. 3-4: aos seus de Sy[ch]em a que / chamavam sychanytos.

B, f. 103r, II, l. 32-33: alos suyos de sichẽ a quien / llamauã sichenitos.

D, f. 157v, l. 2: alos suyos de sichen aque llamauã sichanitos.

A, I, p. 369: a los sós de Siquén, a que llama Sicanitos.

Embora este caso seja dos mais dúbios, até porque *T2* omite o advérbio /logo/, não podemos deixar de assinalar que tanto *T2* como *B* seguem a mesma ordem de palavras, opondo-se a *A*:

T2, f. 5v, l. 2: <queremos> [a]quy falar da cidade de Athenas.
B, f. 105r, l. 1. 36-37: queremos aqui fablar luego de la çibdad / de Athenas.
D, f. 159v, l. 33: queremos aqui fablar luego de la çibdad de Atenas.
A, l. p. 374: queremos fablar aquí luego de la cibdad de Atenas.

Um outro exemplo que nos parece significativo da coincidência entre *T2* e *B* e *D* frente a *A* encontra-se na substituição do determinante possessivo por um artigo definido. Nenhum dos editores da *GE* hesitou perante este *sus ganados*³³, grafados claramente como *los* em *B* e *D*, o que prova a existência de uma lição apreendida pela tradução portuguesa. Claro que também poderá ser consequência de uma má leitura do *S* alto; no entanto, o tradutor português interpretou-o do mesmo modo que os copistas de *B* e *D*:

T2, f. 4r, l. 10-12: aos / [pasto]res [que an]davan com os gados quando nação noso / [sõr] Jhesus Cristo.
B, f. 104v, II, l. 4-6: a los pastores que / andauã con los ganados quando nasçio / nuestro señor Ihesu Cristo.
D, f. 159r, l. 30-31: alos pastores que / andauã cõlos ganados quando nasçio nuestro señor Jhesu Cristo.
A, l. p. 373: a los pastores que andavan con sos ganados quando nació Nuestro Señor Jesucristo.

Finalmente, apresenta-se um exemplo onde *T2* parece aproximar-se de *B*, que não transmite *ovieron a ojo* mas sim *vjerõ a ojo*. Semanticamente são expressões idênticas, mas é possível que *B* tenha interpretado o verbo / haver/ como /venir/, já que *D* segue *A*. *T2* traduz de forma acertada, resumindo as versões perifrásticas castelhanas, *haber / ver a ojo* pelo verbo *ver*:

T2, f. 2r, l. 12-13: e des que os viram lâ[çou-se] Jacob em terra ante Esau.
B, f. 102v, II, l. 31-32: y desque se vjerõ a ojo echose Jacob / ante Esau en tierra.
A, l. p. 368: e desque se ovieron a ojo echós Jacob ante Esaú en tierra.
D, f. 156v, l. 15-16: Et deque se ouierõ a ojo echos Jacob ante Esau ãn / tierra.

Similarmente, encontramos outro caso onde *T2* e *B* coincidem, opondo-se a *A* e *D*:

³³ Na edição de 2009, I, p. 373 (*sos ganados*), tal como em Alfonso el Sabio, *General Estoria*, ed. Solalinde, 191, I (*sus ganados*).

T2, f. 3v, l. 6: a Sychem [e a seu] padre com muy grande sanha da força que fizeram

B, f. 103v, II, l. 2-3: Respondierõle los fijos / de jacob asichẽ y a su padre/ con grante saña de la fuerça que fizieron cõ saña de la fuerça que fizierã.

A, I, 370: Respusieron los fijos de Jacob a Siquén e a su padre en art con saña de la fuerça que fizieran.

D, f. 158r, 1-3: Respusierõ / los fijos de jacob a Sichen et a su padre ãn arte cõ saña de la fu/erça que fizierã.

Estes dois últimos casos em que *T2* coincide com *B* poderiam levar a equacionar que o fragmento português provém de uma cópia de *B*; no entanto, dada a existência de um salto tanto em *B* como em *D*, conforme visto no primeiro exemplo, apresentado na página 6, não será prudente adiantar esta possibilidade.

5. BREVES CONCLUSÕES

O infeliz acaso de o texto dos fragmentos não coincidir não permite avançar muitas possibilidades: *T2* ou parte do mesmo antígrafo de onde descende *TT*, ou copia este último directamente. Esta segunda hipótese, embora mais simples, carece de sustentação impedida pela falta de coincidência entre os textos, que permitiria comparações directas. Encontram-se algumas diferenças linguísticas muito subtis, mas estas podem advir quer do antígrafo, quer dos próprios copistas: não seria inaudito que cada copista tivesse reinterpretado uma tradução, actualizando terminologia ou corrigindo-a.

Elaborada no início do século XV por ordem de D. João I, esta tradução tem por isso dois grandes momentos de fixação: um quase contemporâneo da tradução –os fragmentos *TT*, de maior luxo, e o fragmento *CB*, cronologicamente mais antigo e que transmite a segunda parte–, e um segundo momento, mais tardio, registado em *T2*. O texto deste, numa letra mais cursiva e num suporte menos resistente do que os fragmentos mais antigos, chega-nos mais danificado, embora acabe por também manifestar os propósitos de afastamento do texto de chegada em relação ao original castelhano que se verifica em *TT* e mesmo em *CB*. É assim, portanto, possível que já no final do século XV ou mesmo no início de XVI, se tenha feito uma nova cópia da tradução da *GE* –a que nos chega por *T2*–, sobrevivendo ainda testemunhos da cópia mais antiga –*TT*–. Por concluir fica, assim, qual terá sido a origem de *T2*: se *TT*, se o seu antígrafo. Talvez o aparecimento de novos fragmentos, associado ao aprofundamento de investigações, venha a permitir mais respostas.

6. BIBLIOGRAFIA CITADA

6.1. Fontes primárias

- Fragmentos da General Estoria, Fragmentos, cx. 13, mç. 10, n.º 30, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa [on-line], <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4691259> [consulta: 15/10/2022].
- Manuscrito 8682, Biblioteca Nacional de España, ff. 155r, l. 5 a 160v, l. 10 [on-line], <http://bdh.bne.es/bnesearch/detalle/bdh0000139747> [consulta: 15/10/2022].
- Manuscrito Y-I-6 da Real Biblioteca de S. Lorenzo del Escorial, ff. 102r, I, l. 37 a 105v, II, l. 3.

6.2. Referências bibliográficas

- Alfonso el Sabio, *General Estoria*, ed. de Antonio Solalinde, Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1930.
- Alfonso el Sabio, *General Estoria*, ed. de Ramón Martínez López, versión gallega del siglo XIV (ms. O.I.1 del Escorial), Oviedo, Facultad de Filosofía y Letras, 1963.
- Alfonso el Sabio, *General Estoria*, ed. de Pedro Sánchez-Prieto Borja, Madrid, Biblioteca Castro - Fundación José Antonio de Castro, 2009.
- Askins, Arthur (dir.) (1997-), *PhiloBiblon: BITAGAP - Bibliografía de Textos Antigos Galegos e Portugueses*, Berkeley, The Bancroft Library, University of California [on-line], http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_en.html [consulta: 15/12/2022].
- Askins, Arthur; Dias, Aida F.; Sharrer, Harvey (2006), *Um novo fragmento da General Estoria de Afonso X em português medieval*, “Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra” 6, pp. 93-124.
- Bautista, Francisco (2015), *El final de la General Estoria*, “Revista de Filología Española” 95, pp. 251-278.
- Bautista, Francisco (2017), *Alfonso X, Bernardo de Brihuega y la General Estoria*, “Atalaya. Revue d'études médiévales romanes” 17, DOI: 10.4000/atalaya.2954.
- Catalán, Diego (1978), *Los modos de producción y “reproducción” del texto literario y la noción de apertura*, em Carreira, Antonio; Cid, Jesús A.; Gutiérrez Esteve, Manuel; Rubio, Rogelio (coords.), *Homenaje a Julio Caro Baroja*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, pp. 245-270.

- Cepeda, Isabel (ed.) (1982-1989), *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Cintra, Luís F. Lindley (1951), *Sobre uma tradução portuguesa da General Estoria de Afonso X*, “Boletim de Filologia” 12, pp. 184-191.
- Costa, Avelino J. (1949), *Fragmentos preciosos de códices medievais*, Braga, Bracara Augusta.
- Faulhaber, Charles B. (dir.) (1997-), *PhiloBiblon: BETA - Bibliografía Española de Textos Antiguos*, Berkeley, Bancroft Library - University of California [on-line], <http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/index.html> [consulta: 15/12/2022].
- Fernández-Ordóñez, Inés (2002), *General Estoria*, em Alvar, Carlos; Lucía Megías, José M. (eds.), *Diccionario filológico de literatura medieval española*, Madrid, Castalia, pp. 42-56.
- Fernão de Oliveira, *Gramática da linguagem portuguesa*, em Franco, José E.; Fiolhais, Carlos (dirs.) (2019), *Primeiras gramáticas da língua portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Fevereiro, M.ª Clara (1991), *Inventário dos Fragmentos de Manuscritos dos Livros Notariais e Paroquiais do Arquivo Distrital de Castelo Branco*, Coimbra, Universidade de Coimbra (dissertação de licenciatura).
- Leite, Mariana (2010), *Os testemunhos da tradução portuguesa da Historia Scholastica de Pedro Comestor: consequências ideológicas da selecção de fontes*, “Cahiers d’Études Hispaniques Médiévales” 33, pp. 183-194.
- Leite, Mariana (2012), *A General Estoria de Afonso X em Portugal. As múltiplas formas de receção do texto entre os séculos XIV a XVI*, Porto, Universidade do Porto (tese de doutoramento).
- Leite, Mariana (2017), *Entre galego-português e castelhano: sobre a marginalia da tradução dos Salmos no manuscrito R da General Estoria de Afonso X*, em Negro Romero, Marta; Álvarez, Rosario; Moscoso Mato, Eduardo (eds.), *Gallæcia. Estudos de lingüística portuguesa e galega*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 893-903.
- Leite, Mariana (2017a), *La General Estoria entre dos lenguas: sobre las traducciones de la obra alfonsí al gallego-portugués*, “Atalaya. Revue d’études médiévales romanes” 17, DOI: 10.4000/atalaya.2810.
- Leite, Mariana (2017b), *Tradução e tradição da General Estoria em Portugal: sobre as implicações do fragmento ANTT cx. 13, maço 10 n.º 30*, em Miranda, José C. Ribeiro (org.), *En Doiro antr’o Porto e Gaia. Estudos de Literatura Medieval Ibérica*, Porto, Estratégias Criativas, pp. 611-618.
- Leite, Mariana (2022a), *Alfonso X’s General Estoria at the dawn of Portuguese Renaissance. Study and transcription of a late XVth-century fragment*, “Atalaya. Revue d’études médiévales romanes” 22, DOI: 10.4000/atalaya.5795.

- Leite, Mariana (2022b), *Crónicas universais a sul do Minho: a Historia Scholastica como alternativa à General Estoria?*, em Pichel, Ricardo (ed.), *Tenh'eu que mi fez el i mui gram bem. Estudos sobre cultura escrita medieval dedicados a Harvey L. Sharrer*, Madrid, Silex, pp. 241-255.
- Leite, Mariana (2022c), *Na Senda de S. Jerónimo: as bíblias portuguesas produzidas a partir da Historia Scholastica de Pedro Comestor*, em Espírito Santo, Arnaldo; Pimentel, M.^a Cristina; Alberto, Paulo Farmhouse; Furtado, Rodrigo (eds.), *Optimo magistro sodalium et amicorum munus. Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80.º aniversário*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos - U. Lisboa, pp. 497-505.
- Martins, Mário (1956), *A tradução da General Estoria e da Formula Vitae Honestae, em português*, em *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, pp. 93-104.
- Nascimento, Aires A. (2010), *Dizer a Bíblia em português: fragmentos de uma história incompleta*, em Cavaco, Timóteo; Daniel, Simão (orgs.), *A Bíblia e suas edições em Língua Portuguesa: 200.º Aniversário da primeira edição bíblica em português da Sociedade Bíblica, 1809-2009*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas - Sociedade Bíblica de Portugal, pp. 7-58.
- Patterson, Jeanette (2022), *Making the Bible French: The Bible historiale and the Medieval Lay Reader*, Toronto, University of Toronto Press.
- Pinto, Pedro (2009), *Índice dos Códices e Manuscritos Avulsos da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, “Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa” 50/1-2, pp. 477-503.
- Rodríguez Porto, Rosa M.^a (2012), *Thesaurum. La Crónica Troyana de Alfonso XI (Escorial, h.I.6) y los libros iluminados de la monarquía castellana (1284-1369)*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela (tese de doutoramento).
- Salvador, Xavier-Laurent (2013), *Guyart des Moulins, traducteur de Pierre Comestor*, em Dahan, Gilbert (ed.), *Pierre le Mangeur ou Pierre de Troyes, maître du XII^e siècle: études réunies*, Turnhout, Brepols, pp. 313-327.
- Sharrer, Harvey; Pinto, Pedro (2022), *Os fragmentos da Historia Scholastica de Pedro Comestor da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, em Espírito Santo, Arnaldo; Pimentel, M.^a Cristina; Alberto, Paulo Farmhouse; Furtado, Rodrigo (eds.), *Optimo magistro sodalium et amicorum munus. Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80.º aniversário*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos - U. Lisboa, pp. 515-534.

Fecha de recepción del artículo: octubre 2022

Fecha de aceptación y versión final: abril 2023